

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM AFROPERSPECTIVA: O MAPEAR DE PRÁTICAS TEATRAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana Moreira Silva ¹

RESUMO

Este texto reúne as reflexões de uma pesquisa que visa pensar na formação de docentes de Teatro que sejam capazes de multiplicar práticas e ideias afroreferenciadas em suas práticas com as crianças. Para tal, o componente curricular de Estágio Supervisionado I do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá tem abordado o ensino de teatro na Educação Infantil em Afroperspectiva (Nogueira, 2019). A pesquisa relata na primeira parte as metodologias e os estudos teóricos realizados dentro da universidade que estão pautados na compreensão da formação estética de docentes. Coutinho (2003) fala que identificar a presença da arte em nossa vida faz com que percebamos com mais clareza e profundidade nossas referências culturais. O componente curricular se ancorou, posteriormente, nas chamadas “Ilhas de investigação”, um modo imagético de pensar nos estudos teóricos que reúne materialidades, perguntas norteadoras e jogos lúdicos. A discussão da pesquisa traz seu enfoque, no entanto, para a *ilha dos Palmares*, onde foram discutidas o papel do (a) professor (a) diante da educação étnico-racial, modos para afroreferenciar o currículo de Arte e a cosmovisão africana sobre as crianças. A partir do segundo momento do componente curricular em que os discentes vão para as escolas realizar suas práticas de observação e intervenção, registra-se a existência constante de vivências teatrais com as crianças que reverberaram a partir da visão em Afroperspectiva estudada em sala de aula: jogos recriados a partir dos versos do Marabaixo, uma manifestação cultural afro-amapaense; práticas criadas a partir de narrativas sobre a mitologia africana; vivências estéticas com a linguagem da palhaçaria que retratavam a cultura de Benin, na África. Em Afroperspectiva o tempo permanece em aberto, logo, o esforço da pesquisa tem sido mapear as possibilidades, mas deixando-as livres para serem ressignificadas, reconstruídas e revividas pelos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Teatro, Afroperspectiva, Educação Infantil, Formação docente.

INTRODUÇÃO

Este texto reúne as reflexões do projeto de pesquisa intitulado “A formação de artistas-docentes e o ensino de teatro na perspectiva antirracista”, vinculado ao curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), que visou pensar na formação de docentes de Teatro afim de que sejam capazes de multiplicar práticas e ideias

¹ Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá, adriana.silva@unifap.br.





afroreferenciadas em suas práticas com as crianças. Além disso, acrescenta-se os seguintes objetivos da pesquisa: mapear práticas propostas antirracistas que são possíveis de serem inseridas nas disciplinas de Estágio Supervisionado (conteúdo, metodologia, teóricos, textos); investigar formas e caminhos para uma formação docente poética, afetiva e dialógica com os processos de construção e fortalecimento da identidade dos discentes do curso de Teatro e fortalecer a discussão sobre práticas antirracistas dentro dos cursos de graduação em Teatro.

A disciplina de Estágio Supervisionado I possui carga horária de 60 horas, dentre as quais, 20 horas estão destinadas a observação e intervenção dentro da escola básica, no segmento da Educação Infantil e 40 horas em sala de aula com a professora orientadora do estágio, onde são realizadas reflexões teóricas e práticas acerca das metodologias de ensino, leituras vinculadas a área das infâncias e da educação, compartilhamento do período de observação, preparação para a escrita de relatório e socialização final do estágio.

Este projeto de pesquisa, voltou-se para o componente curricular de Estágio Supervisionado I, cujas perspectivas são focadas para a Educação Infantil. A pesquisa norteou-se a partir das seguintes questões: Quais metodologias de ensino de Teatro estão sendo apresentadas nestes componentes curriculares? Quais escolhas artísticas e pedagógicas estão sendo feitas pelos estudantes de Teatro, futuros docentes, estão fazendo quando estão em sala de aula com as crianças?

Tenho compreendido, que meu papel como professora de Estágio Supervisionado I e que contribui na formação de outros professores (as) é ser uma *professora-barqueira*, um tipo de docente que “acompanha o outro no percurso, auxiliando em suas passagens de uma margem a outra, seguindo os fluxos das águas do conhecimento” (Coutinho, 2013, p. 2964). E, para tal, tenho encontrado no ato de narrar histórias pessoais e ir de encontro com as memórias um recurso ou um refúgio que abriga as próprias dúvidas e incertezas dos estudantes quanto as possibilidades de se tornarem artista-docente antirracistas. Mas não tenho dúvidas que as primeiras remadas ou braçadas começam no encontro com suas experiências pessoais e encontra reforços nas ações realizadas ainda dentro do espaço da universidade. Coutinho (2013) fala que identificar a presença da arte em nossa vida faz com que percebamos com mais clareza e profundidade nossas referências culturais. Logo, é preciso pensar e agir antes dos discentes ingressarem nas escolas.

O componente curricular se ancorou no que denominei de “Ilhas de investigação”, um modo imagético de pensar nos estudos teóricos sobre formação docente que reúne materialidades, perguntas norteadoras e jogos lúdicos. A discussão aqui a ser apresentada traz seu enfoque, no entanto, para a *Ilha dos Palmares*, onde foram discutidas o papel do (a)





professor (a) diante da educação étnico-racial, modos para afrorreferenciar o currículo de Arte e a cosmovisão africana sobre as crianças.

Em um determinado momento do componente curricular os discentes vão para as escolas realizar suas práticas de observação e intervenção. A observação consiste em acompanhar as práticas pedagógicas da professora pedagoga; registros e anotações das brincadeiras realizadas com e pelas crianças; observação do espaço e da dinâmica escolar como um todo. Já a intervenção é um momento em que os (as) estudantes precisam ministrar alguma prática teatral com o grupo que está sendo acompanhado. Por se tratar de uma intervenção pode ser apenas uma atividade pontual e não, necessariamente, uma sequência didática longa: um único jogo dramático, uma brincadeira, uma contação de história, dentre outras.

Registrei, assim, a existência de vivências teatrais com as crianças realizadas pelos estudantes que integravam o componente e percebi que os estudos em sala de aula reverberaram em suas escolhas artísticas e pedagógicas dentro do espaço escolar: jogos recriados a partir dos versos do Marabaixo, uma manifestação cultural afro-amapaense; práticas criadas a partir de narrativas sobre a mitologia africana; vivências estéticas com a linguagem da palhaçaria que retratavam a cultura de Benin, na África e a criação de vídeos a partir da linguagem do teatro de animação para trazer referências de danças da cultura popular. Em Afroperspectiva o tempo permanece em aberto, logo, o esforço da pesquisa tem sido mapear as possibilidades, mas deixando-as livres para serem ressignificadas, reconstruídas e revividas pelos estudantes.

METODOLOGIA

A pesquisa transcorreu primeiramente a partir das investigações teóricas realizadas dentro do grupo de estudo e extensão PAPEI (Práticas artísticas e pedagógicas na e com a Educação Infantil)². O grupo nesse último ano de pesquisa (2024-2025) tem demonstrado ênfase em promover encontros que promovam discussões sobre as pautas raciais: infâncias ribeirinhas, amazônicas e negras. Articulado a essas temáticas estão as pautas vinculadas a afrorreferenciar o ensino de Teatro, a descolonização dos currículos da Educação Infantil e do ensino superior. Dentro das aulas de Estágio Supervisionado I os debates acontecem, especialmente, no momento que chamamos de *Ilha dos Palmares*, onde foram apresentados autores (as) negros (as) e a Afroperspectiva como um modo de compreender as infâncias.

² O grupo tem coordenação da Profa. Adriana Moreira Silva.





Nessa *ilha* havia uma proposição lúdica para apresentação dos conceitos e das discussões sobre racismo, das práticas antirracistas e das perspectivas afroreferenciadas para o ensino de Teatro. Assim, a busca nesses momentos era por resgatar e valorizar os saberes, a história e a cultura africana e afro-brasileira, ao mesmo tempo, em que víamos na prática elementos afroreferenciados compondo os estudos teóricos da disciplina. As aulas na *Ilha dos Palmares* se estruturaram a partir de uma caixa que continha elementos simbólicos da cultura africana, tais como: o instrumento caxixi, textos e pensamentos de pessoas negras, a planta espada de São Jorge, dentre outros, que eram disparadores de questionamentos e reflexões da discussão.

A pesquisa, portanto, se atentou por registrar as propostas das aulas trazidas por mim a partir da *Ilha dos Palmares*. Foram consideradas os seguintes marcadores de referências afrocentradas: (as) autores que compuseram o referencial bibliográfico, as metodologias utilizadas dentro da sala de aula cujas perspectivas voltavam-se para a formação docente e, por fim, as práticas e experiências dos estudantes nas escolas-campo durante a realização do estágio.

O acompanhamento e registro das atividades realizadas em espaço escolar foi realizado a partir da análise de mapas elaborados pelos discentes das disciplinas. Mapas são aqui compreendidos como formas de relatos (Machado, 2016), ou seja, uma possibilidade de registrar narrativas e histórias advindas das experiências vivenciadas na docência. O mapa é “um exercício de mapear a si mesmo. Imaginar, grafar, desenhar, garatujar [...] por meio das imagens de cada um, o mapa dá a ver: quem é você, onde você está, para onde você vai [...]” (Machado, 2016, p. 17). Deste modo, os discentes, em um primeiro momento, foram convidados a grafar em folhas suas histórias de encontros com a Arte em diversos contextos, como, a escola, a família e a comunidade, traçando, assim, um itinerário formativo de suas experiências, em seguida, desvelam por meio do mapa de suas brincadeiras na infância, suas relações e proximidades com o campo da primeira infância.

Por fim, ao final do estágio traçam mapas a partir das brincadeiras observadas dentro do espaço escolar no campo da Educação Infantil e, juntamente, registram suas práticas e metodologias desenvolvidas. Os mapas sugeridos colocam em evidência a espacialidade captada pelas grafias, imagens, desenhos, colagens, palavras registradas em papel. Por meio de mapas é possível se ter um material para análise de como foram construídas as referenciais culturais dos discentes e perceber quais caminhos pedagógicos foram traçados durante a experiência nas escolas-campo. Como último material de análise da pesquisa estão os relatórios entregues pelos discentes contendo suas reflexões sobre as experiências,





descrevendo e reflexionando suas propostas artísticas e pedagógicas realizadas como intervenções no espaço escolar.

Na somatória desses materiais produzidos foi possível observar suas sequências didáticas elaboradas nas propostas nas atividades de intervenção na Educação Infantil, bem como, compreender a mobilização de suas escolhas e os modos como estão pensando sua própria docência e seus papéis como educadores (as) antirracistas dentro das escolas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se inicia pela compreensão da necessidade de fomentar entre nós, eu e os (a) estudantes de Teatro, o pertencimento e reconhecimento afrodescendente. O livro “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” (1983), fala dessa impossibilidade de pessoas negras se reconhecerem como tal: “sujeito negro que navega em outros espaços sociais produz sofrimento e negação de si mesmo” (Sousa, 1983, p.77). Tornar-se negro (a), portanto, continua a autora, derivaria de um esforço para não se sucumbir ao desejo do outro, de que você venha a ser branco (a). E muitas vezes o processo de formação de um educador antirracista inicia-se no encontro consigo mesmo, com suas histórias e memórias promovidas de modo poético e estético pelo Teatro: É, preciso, pois “[...] desvelar as proposições de ensino de arte que foram esquecidas, negligenciadas ou rejeitadas para que possam ser reconsideradas e avaliadas em seus contextos efetivos” (Coutinho, 2003, p. 149). E com esse pensamento tocamos, dançamos e compartilhamos no decorrer do componente curricular as memórias e histórias sobre arte.

Nas turmas de Estágio I (período 1.2024/2.2024), por mim acompanhadas, eu sentia que às vezes tinha alguns desconfortos, talvez uma timidez ao falar de alguma história ou um riso nervoso por abrir aquele baú de histórias e situações. As músicas e movimentações de Cirandas passaram a compor as atividades propostas na sala de aula como uma forma de partilha lúdica das vivências, histórias e memórias: Segundo a professora Luciana Ostetto, na dança a comunidade se reúne e marca seu pertencimento, vivendo e partilhando valores e crenças.

Dançar era celebração, participação, encontro e reafirmação dos ciclos da vida, na tensão entre os mistérios humano e divino.” (Ostetto, 2010, p.46). E, assim, pelas possibilidades de trocas foi possível, gradativamente, irmos contrapondo diferentes pontos de vista de situações semelhantes sobre arte, educação e experiência estética.

Os (as) discentes foram gradativamente sendo envolvidos pela coletividade presente no comunitarismo/cooperativismo, marcadores civilizatórios afro-brasileiros trazidos pela





professora Aziolda Trindade (2010): “ Temos valores marcados por uma diversidade, somos descendentes de organizações humanas em processo constante de civilização, [...] em diálogo com valores humanos de várias etnias e grupos sociais, imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural” (Trindade, 2010,p. 14). A cooperatividade está vinculada a uma ideia plural da cultura negra e afro-brasileira. É a capacidade de cooperação, de escuta, de partilhar e de se ocupar com o outro.

Desse modo, o componente curricular de Estágio Supervisionado I do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá tem abordado nos últimos semestres em que foi ministrado, o ensino de teatro na Educação Infantil em Afroperspectiva (Nogueira, 2019). A Afroperspectiva é um modelo epistemológico que é fundamentado na afrocentricidade e propõe pensar as questões dos brasileiros afrodiaspóricos a partir da nossa construção de mundo. Logo, podemos considerar que a Arte e seus modos de inserção nas escolas, as práticas metodológicas que construímos nessas disciplinas e que corroboram com a formação de futuros professores e professoras de Teatro que irão atuar na Educação Básica, precisa e pode ser vista como um autorreconhecimento do seu próprio eixo identitário, histórico e cultural no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os principais achados da pesquisa realizada sobre as práticas afrorreferenciadas no componente curricular de Estágio Supervisionado I do curso de Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A pesquisa teve como objetivo mapear para que seja possível sinalizar suas existências e torná-las possível referência para o surgimento de outras práticas. Não se considera aqui a aplicabilidade e/ou a eficácia dessas práticas ao serem ministradas com crianças da Educação Infantil, mas como foram desenvolvidas e percebidas pelas crianças. Compreendo que o intuito dessa pesquisa é construir um acervo de práticas e metodologias criadas ou ressignificadas pelos estudantes de Teatro a partir um de uma mobilização pedagógica ocorrida na preparação de suas inserções nas escolas-campo.

Os resultados apresentados a seguir são frutos da análise de dados coletados por meio de observações das aulas prévias a ida às escolas, dos mapas elaborados pelos estudantes de Teatro e dos relatórios de estágio. A partir desses dados, buscaremos descrever brevemente as práticas e evidenciar seus aspectos afrorreferenciados; as implicações para a formação dos estudantes e possíveis impactos nas crianças da Educação Infantil.





Tabela 01: Mapeamento de práticas afroreferenciadas em Estágio Supervisionado I

ESTUDANTE	PRÁTICA/METODOLOGIA	IMPLICAÇÕES NA APREENDIZAGEM
Jéssica Thais	Jogos recriados a partir dos versos (ladrões) do Marabaixo	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximação com a cultura local; - Ampliação de repertório de movimentos e gestualidade. - Estímulo a valorização dos saberes e práticas ancestrais
Raimundo Neto	Narrativa da mitologia africana: O pequeno guerreiro Kiriku	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção e valorização da escuta; -Desconstrução de estereótipos e construção de outras referências de personagens; - Valorização do sonhar, do imaginar, do criar como forma de resistência.
Kazuo Yoshidome	A linguagem da palhaçaria retratando a cultura de Benin, na África.	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliação de repertório cultural; -Aproximação de linguagens que compõem as Artes Cênicas;
Breno Magno	Vídeos criados a partir da linguagem do teatro de animação, apresentando danças vinculadas às manifestações da cultura popular	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão da música como fonte de conhecimento. - Demonstração de outras referências de danças e musicalidade; - Aproximação de linguagens que compõem as





		Artes Cênicas;
--	--	----------------

Fonte: Produzida pela própria autora. (2024)

A discente Jéssica Thais criou o “Jogo Campos do Laguinho”, uma proposta de criação a partir dos versos- conhecidos como ladrões- do Marabaixo, uma manifestação afro-brasileira cultural tipicamente amapaense. O jogo consistia em utilizar trechos da música do Marabaixo: “aonde tu vai rapaz, por esse caminho sozinho (2x). Eu vou fazer minha morada lá nos campos do laguinho”. “Quando eu cantar ‘campos do laguinho’ todas as crianças têm que se juntar dentro de um espaço delimitado no chão da sala. (Trecho do relatório da estudante, 2024). Antes do jogo, Jéssica explicou sobre a manifestação, contando sua origem; narrou como é dançada explicitando que os pés são dançados juntos porque as pessoas escravizadas quando dançavam estavam presas, em seguida apresentou adereços, como, a saia e por fim, fez a proposição do jogo.

Ao narra a experiência a discente comenta que as crianças se mostraram entusiasmadas com a dança, que contrastava inclusive com a falta de movimentação nas atividades propostas pela professora pedagoga em sala de aula. A corporeidade que também é um valor civilizatório afro-brasileiro esteve presente em sua proposta (Trindade, 2010), mas a percepção de Jéssica é que aquelas crianças estavam bem distantes desse tipo de vivência que trazia elementos da cultura local e pressupunha colocar os corpos em movimento. Para muitas culturas africanas, o corpo não é visto de maneira fragmentada, mas sim como uma unidade inseparável do espírito e da alma.

Por isso, a relevância da prática está tanto por afrorreferenciar os elementos, mas também por olhar as infâncias em Afroperspectiva. Quando falamos do corpo em Afroperspectiva, estamos considerando não só o corpo como uma forma de expressão individual, mas também como um veículo de transmissão de saberes e afetos. O corpo na primeira infância é lugar de construção de vínculos, de gestualidades, de interação e existência no e com o mundo.

O discente Raimundo Neto desenvolveu a atividade de intervenção a partir do conto kiriku o pequeno guerreiro da mitologia africana. O próprio discente conta a história, construindo uma ambientação com colcha de retalhos, imagens dos quilombos e plantas como





a espada de São Jorge guerreiro Raimundo diz que sentiu certo estranhamento das crianças ao se aproximarem desse ambiente, mas que gradativamente o lúdico foi tomando conta da sala de aula.

Aqui temos a oralidade e a ludicidade como valores civilizatórios presentes. A oralidade é um dos principais meios de transmissão de saberes nas culturas africanas, onde os griôs (mestres da palavra, contadores de histórias, guardiões da memória) têm papel central. No Brasil, a oralidade foi e continua sendo instrumento de resistência e preservação da memória negra. Cantos, provérbios, rezas, contos e mitos transmitidos oralmente guardam a história dos povos escravizados e de seus descendentes. A ludicidade pressupõe a presença do brincar, do imaginar. Em uma sociedade em que o corpo e mente estão desvinculados, a potência do imaginar se manifesta como ato de liberdade, de inventividade e de ressignificação do mundo em que vivemos. Histórias são espaços para deslocarmos a mente para mundos outros e, assim, manter vivo a potência de ser quem quiser e onde quiser.

Kazuo então surge com uma proposta de intervenção que se desenvolveu da seguinte forma: uma breve conversa com as crianças sobre África, seguida para uma exibição de um vídeo sobre tradição Vodun, terminando em uma apresentação de palhaçaria com perna de pau - em associação com a tradição mencionada anteriormente- bambolê e flauta doce. Sua percepção das crianças em relação à intervenção foi a de que as crianças superaram suas expectativas, pois se mostraram muito interessadas e permaneceram atentas até o final. Em sua proposta vemos a ludicidade da palhaçaria associada ao territorialismo trazido por Trindade (2010) na medida em que as crianças puderam entrar em contato com uma cultura distante apresentada a partir de uma relação profunda entre identidade, cultura e o espaço vivido. O território de Benin não é apenas físico, mas também demarca a espiritualidade, a resistência e afirmação cultural.

Por fim, o discente Breno Magno criou e apresentou de um programa infantil gravado chamado “Dançando Pelo Mundo” O programa foi desenvolvido com foco na afroreferenciação, destacando danças brasileiras que possuem influência africana, como o samba, capoeira, marabaixo e ciranda. O vídeo foi gravado a partir da manipulação de bonecos. Durante a exibição do vídeo, os bonecos foram levados para a sala de aula para proporcionar interação direta com as crianças.

O discente traz uma reflexão importante sobre sua motivação para essa intervenção: “Quis trazer essa referência manifestações afro-brasileiras para aumentar os seus horizontes de conhecimento da nossa cultura e origem, mostrando a elas que nossa ancestralidade está presente em todos os lugares” (Trecho de relatório de estágio, 20204). Essa reflexão traz uma



intenção pedagógica muito potente, pois coloca no centro da prática educativa do discente a sua valorização das manifestações afro-brasileiras e como ainda são vistas enquanto possibilidade de ampliação de horizontes culturais e de fortalecimento da identidade.

Sobre a reação das crianças Breno pontua que as crianças gostaram muito e dançaram bastante na medida em que as danças eram apresentadas. Mais uma vez a questão do movimento, do corpo como forma da criança se colocar no mundo se faz presente. Elas não querem apenas assistir passivamente a atividade, os estímulos são convites ao movimento, ao brincar, ao lúdico, ao se mover e se conectar corporalmente com as experiências. Aqui podemos dar ênfase na musicalidade enquanto valor civilizatório muito presente nas manifestações populares e que não é apenas entretenimento, mas parte da vida social, espiritual e educativa. A música que se realiza em roda, em coro, no canto-resposta, no toque dos instrumentos foi trazida para a sala de aula e compartilhou com as crianças suas histórias.

Quero ressaltar que todas as práticas aqui apresentadas estiveram registradas e grafadas também nos mapas criados pelos discentes. Nos mapas as informações estão mais lúdicas, poéticas e com as percepções mais simbólicas da experiência. Suas análises não foram consideradas aqui para respeitar as normas quanto a quantidade de páginas previstas nessa escrita. Mas trago um exemplo dessa forma metodológica de relato proposto aos discentes de Estágio Supervisionado I e que também são levadas em consideração nesse relato de pesquisa.

Imagem 01: Mapas elaborados pelo discente Breno Magno



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser formada em Teatro e ter atuado na Educação Básica ofereceu-me recursos específicos na busca por encontrar formas de atuar como professora, seja pelo uso de personagens, caracterização, figurinos, narração, ficcionalização, histórias, jogos dramáticos, instalação e elementos performativos, que me permitem ressignificar minha própria presença enquanto adulta, professora e artista na sala de aula. No entanto, não havia naquele momento (2008 a 2018) uma discussão aprofundada da relação do campo teatral com as questões étnico-raciais. Hoje, percebo que para se construir um olhar para a relação teatro e as questões raciais

é preciso pensar no que vem antes, ou seja, em como se forma aqueles (as) que estarão na Educação Básica como professores (as) de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

A partir da pesquisa tem sido possível desenhar caminhos para estar em sala de aula com as crianças pequenas de modo a buscar um encontro mais sensível, acolhedor, antirracista, afrorreferenciado e poético. É necessário instalar nos (as) professores (as) em formação um processo reflexivo de sua própria história com as artes, com as infâncias e com as questões raciais.

No contexto escolar, o modo como os (as) estudantes de Teatro conduzem suas próprias práticas é imprescindível para romper com os currículos colonizadores, atitudes racistas e referências eurocentradas que estão entorno dos modos de apreender o conhecimento, bem como, nos modos de olhar para as crianças da Educação Infantil. Busco ao apresentar essas práticas ampliar os olhares para o ensino de Artes na Educação Infantil, demonstrando que os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros se constituem também como pressupostos no engajamento de práticas afrorreferenciadas. Não estão listadas como receitas, mas como ponto de partidas para aqueles (as) que almejam encontrar outras possibilidades para sua atuação como professor (a) de Teatro.

Quero ainda registrar que apesar de experiências significativas noto um baixo número de propostas afrorreferenciadas no decorrer do Estágio Supervisionado I. A pesquisa considera duas turmas com uma média de 15 a 18 alunos cada uma. Totalizando aproximadamente 32 discentes envolvidos no componente nos semestres 1.2024 e 2.2024. No entanto, tivemos apenas as 4 propostas com os traços afrocentrados. Isso demonstra a necessidade de se continuar perpetuando a discussão, afrorreferenciado nossas próprias





práticas dentro da universidade e apresentando possibilidades pedagógicas e artísticas para os futuros professores (as) de Teatro.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Rejane. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. Cultura e Currículo, São Paulo. 2003. Disponível em: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Lugares%20de%20Aprender/documentos.aspx?menu=2&projeto=2>. Acesso em: 08.out.2023.

COUTINHO, Rejane. Construindo uma metodologia de formação para arte/educadores. In: 22º ENCONTRO ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Srte, 2013. **Anais**. Belém, 2013, p.2961-2974. Acesso em: 15.out.2023.

MACHADO, Marina Marcondes. MAPEIE-SE! E busque de modos criativos de ser e estar no mundo para relacionar-se com a artisticidade das crianças. **Teatro: criação e construção do conhecimento**, v.04, n.05, Palmas, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/issue/view/102>. Acesso em: 02.fev.2023.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em Afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 24.jun.2025.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Para encantar, é preciso encantar-se: Danças circulares na formação de professores. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 40-55, jan.-abr. 2010 41 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 30.jun.2025.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula, TRINDADE, Azoilda Loretto. **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010.





Relatórios de Estágio Supervisionado I, Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá, 2024.

